

A Formação e a Estruturação da Economia Urbana de Londrina – Paraná

The Formation and the Structure of Urban Economy of Londrina - Paraná

Andréa Rodrigues dos Santos¹

RESUMO: O objetivo deste estudo é mostrar como ocorreu a formação e a estruturação da economia urbana da cidade de Londrina em particular sobre a formação do seu circuito moderno. Para tal faremos uso da teoria dos circuitos, elaborada pelo geógrafo Milton Santos, em especial do circuito superior; abordando-o do ponto de vista das relações econômico-sociais e dos agentes responsáveis pela sua estruturação, fornecendo os elementos do circuito superior que foram sendo incorporados à economia norte paranaense e na economia urbana de Londrina. A formação e a expansão do circuito moderno em Londrina é consequência direta da modernização do território brasileiro e do norte do Paraná no Pós-Segunda Guerra Mundial, quando diferentes elementos do meio técnico científico e informacional foram instalados na cidade, desde a sua gênese, em 1929 tendo continuidade até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Urbana. Londrina. Circuito Superior.

ABSTRACT: *The objective of this study is to show how the formation of the urban economy in Londrina occurred in particular about the formation of its modern circuit. For this work we will use the theory of the circuits, written by the geographer Milton Santos, especially the upper circuit. We will discuss the upper circuit using two different approaches: the economic and social relations and the agents responsible for its formation, providing the upper circuit elements that were incorporated into the Paraná north economy and urban economy of Londrina. The formation and expansion of the modern economy and luxury consumption in Londrina is a consequence of the modernization of Brazil and northern Paraná after the Second World War, when different elements from the science, technology and information were installed there, since its genesis, in 1929, until the present days.*

KEY WORDS: *Urban Economy. Londrina. Modern Circuit.*

INTRODUÇÃO

O norte do Paraná e a região de Londrina, no contexto de sua formação social sujeitos à lógica capitalista, passou por um longo processo de transformações em busca da recriação e aprofundamento das relações capitalistas de produção, em especial no período pós Segunda Guerra Mundial. Dentre a lógica destas transformações, estão a produção, a circulação e o consumo que se combinam através dos processos de modernização que se instalam a todo o tempo. Nesse contexto, temos a emergência das economias urbanas, que serão tratadas aqui a partir dos dois circuitos da economia urbana.

O objetivo deste estudo é mostrar como ocorreu a formação e a estruturação da economia urbana da cidade de Londrina em particular sobre a formação do seu circuito moderno.

¹ Doutora em Geografia - Universidade Estadual de Maringá. Atualmente realizando um Mestrado Profissional em Turismo na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3.– Paris, França. deia.geo@hotmail.com.

Para tal faremos uso da teoria dos circuitos, em especial do circuito superior; abordando este circuito do ponto de vista das relações econômico-sociais e dos agentes de sua estruturação, fornecendo os elementos do circuito superior que foram sendo incorporados à economia norte paranaense e à economia urbana de Londrina.

De acordo com Santos (2008), a modernização ocorre de forma seletiva, ela não atinge todos os lugares e nem todas as pessoas ao mesmo tempo, pois nem todos têm condições de usufruir dos objetos técnicos em função das diferenças de renda. Por este motivo o espaço urbano é marcado por uma tendência à hierarquização das atividades, coexistindo atividades da mesma natureza, porém em níveis diferentes. Essa seletividade espacial faz com que se constituam nas cidades dois circuitos da economia urbana, o circuito superior e o inferior, ambos no âmbito da produção e do consumo. Cada um deles acolhe práticas econômicas particulares. Ambos estão ligados ao processo de modernização do qual resultam e também possuem dinamicidade.

A partir da teoria dos circuitos a cidade é interpretada enquanto uma totalidade resultante da articulação entre esses dois circuitos que por sua vez estão relacionados à forma como ocorre a produção, a circulação e o consumo. Assim, é evidente nos dias atuais em cidades como Londrina a presença forte desses dois circuitos uma vez que verificamos a presença de grandes empresas capitalistas e também do Estado a comandar as transformações da economia urbana.

Destacando o uso da teoria dos circuitos hoje, Cataia e Silva (2013) argumentaram que a teoria revela a singularidade da urbanização nos países periféricos e indica caminhos analíticos sobre o funcionamento das cidades, especialmente apontando para as atividades que são criadas visando a geração de trabalho e rendimento por parte das populações que não são incorporadas pelos circuitos produtivos modernizados tecnologicamente.

Cada um dos circuitos é identificado a partir de suas particularidades. O circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos, atualmente, são os monopólios, o essencial de suas relações ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país ou o exterior. Enquanto que o circuito inferior, igualmente um resultado da mesma modernização, mas um resultado indireto formado por atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região. Compreende as atividades de fabricação tradicionais como o artesanato, os transportes tradicionais e a prestação de serviços entre outras (SANTOS, 2008).

Ambos os circuitos distinguem-se, principalmente, pelas diferenças no uso dos capitais, da tecnologia e da organização das atividades e hoje importa considerar: (a) o aprofundamento da interdependência dos lugares, (b) as diferenças e desigualdades regionais, (c) o uso de novas

tecnologias pelo circuito inferior, (d) a expansão do crédito e do consumo entre os pobres e, por fim, (e) a avaliação dos circuitos espaciais de produção por ramo de atividade (CATAIA e SILVA, 2013).

A interdependência dos lugares é referida ao aprofundamento da globalização econômica, que pode ser definida como um processo extremo de internacionalização do capital que, por sua vez, possibilitou aprofundar o imperialismo cultural por meio da universalização dos particularismos do centro do sistema. Ela permite o armazenamento de informação e a possibilidade de comunicação instantânea entre os lugares, autorizando assim convergência dos momentos.

Também é necessário considerar as diferenças e desigualdades regionais de cada território. A divisão territorial do trabalho deve ser analisada para situar o papel de cada lugar no contexto nacional e mundial. As diferenças quantitativas e qualitativas da distribuição da população, dos sistemas de transporte e telecomunicações, dos equipamentos de saúde e educação, entre outros, condicionam o processo de urbanização e com ele se estabelece a dialética dos dois subsistemas urbanos, inferior e superior.

O uso de novas tecnologias no circuito inferior não deve ser desprezado. O circuito inferior usa cada vez mais as novas tecnologias da informação para executar suas atividades. O celular, o computador, a impressora e a internet são ferramentas incorporadas ao circuito inferior. Dessa forma, esse circuito recria novas atividades a partir da assimilação dos novos objetos técnicos.

A ampliação do crédito e do consumo é outro recorte fundamental. Houve uma generalização do crédito às populações pobres, o que possibilitou o acesso ao consumo de bens de vestuário, eletrônicos e automóveis. O crédito tornou-se um novo mecanismo de empobrecimento dos já pobres urbanos, e o crescimento do número de cartões de crédito e das financeiras, que oferecem crédito desburocratizado, mobilizou o consumo no território brasileiro, especialmente nas metrópoles. Além disso, a publicidade tem papel fundamental no estímulo ao consumo. A junção do crédito e publicidade tem como resultado o aumento do consumo (CATAIA e SILVA, 2013).

Por fim, é necessária a análise dos circuitos espaciais de produção, pois cada ramo de atividade gera circuitos produtivos distintos e a economia urbana abriga muitas vezes fragmentos dos circuitos espaciais produtivos. Dependendo do ramo de atividade o circuito espacial de produção tende a ganhar dimensões planetárias, ou mesmo ficar mais circunscrito a determinadas regiões e países. Grosso modo, a economia política da cidade não deixa de ser o conjunto materializado de fragmentos de uma infinidade de circuitos produtivos, no entanto algumas etapas dos circuitos produtivos são mais propensas à modernização, enquanto outras fornecerem

trabalho em grande quantidade via subsistema inferior, inclusive existem ramos de atividade que necessitam de muita mão de obra como nos ramos do vestuário e calçados.

Sobre a formação e funcionamento do circuito superior da economia urbana em Londrina, uma das principais cidades do norte paranaense, é importante contextualizar sua participação nos sucessivos processos de modernização, que nas últimas décadas redefiniram sua inserção na divisão territorial do trabalho. Nesse contexto, discutiremos neste artigo inicialmente a formação econômica, social e espacial do norte paranaense enfatizando os processos que levaram à modernização desta porção do estado, base da formação de uma economia urbana moderna na cidade de Londrina. Em seguida abordam-se as formas como o circuito superior se estruturou nesta cidade a partir das principais atividades econômicas nela presentes.

OS PROCESSOS DE MODERNIZAÇÃO DA ECONOMIA NORTE PARANAENSE

O norte do Paraná, no decorrer de sua formação econômica social (SANTOS, 1982), acolheu e redefiniu os processos de modernização técnica de sua agricultura, as transformações técnicas na indústria, aquelas ligadas à distribuição e o consumo bem como os processos relativos à sua urbanização. Foi esse conjunto de modernizações ocorridas na porção norte paranaense que influenciou na consolidação da economia urbana londrinense.

Foi a partir de 1929, com a expansão das frentes pioneiras e com introdução da cultura cafeeira por paulistas e mineiros, que o norte do Paraná começou efetivamente a ser ocupado e passou a ter uma articulação mais efetiva com a economia brasileira. Juntamente com a atividade criatória suína o café começou a ser expandido de forma intensa no norte do estado. A superprodução cafeeira no estado de São Paulo, proibições a novos plantios e as consequentes crises econômicas de rebaixamento dos preços fizeram com que a frente pioneira se dirigisse para o norte do Paraná.

O aumento dos preços do café no mercado internacional, no decorrer dos anos de 1920, fez com que um intenso fluxo migratório de paulistas se dirigisse para o norte do Paraná em busca de terras. Visando eliminar uma ocupação ilegal e predatória do solo, o governo do estado promoveu, durante a segunda década do século XX, a divisão em lotes e a venda a preços baixos de vastas áreas a oeste do Rio Tibagi. A ocupação que aí se iniciou se deu por concessão do Estado a companhias particulares (PADIS, 2006). Um impulso para a frente pioneira e continuidade da estruturação da rede urbana foi a compra de grandiosas glebas pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) no ano de 1925 e a compra da Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná. Assim “[...] estavam garantidas as duas primeiras condições para a continuidade do avanço da frente pioneira: propriedade de terras e o sistema de transporte” (FRESCA, 2000, p. 48).

Em meio à crise de 1929, a companhia tomou posse efetiva de sua propriedade com a fundação da cidade de Londrina, destinada a servir-lhe de sede. A cada 15 quilômetros a companhia implantou um patrimônio com uma estação ferroviária a fim de atender a população daquela área, comprando e vendendo gêneros de primeira necessidade (ALVES, 1991). A idéia central era a de instalar entre várias cidades pequenas um centro de atração econômica, especialmente comercial e de serviços e assim cresceram, além de Londrina (1929), Maringá (1947), Cianorte (1953) e Umuarama (1955) e, em torno delas, mais de uma centena de cidades (PADIS, 2006, p. 145). Lembrando que, em 1944, a CTNP foi vendida e o grupo mudou o nome da empresa para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) e dessa nova administração foi a fundação de Maringá, para onde o escritório foi transferido (BRAGUETO, 1996).

Padis (2006) salientou que, desde os primórdios da atuação da companhia até o início da década de 1960, o crescimento demográfico da região foi surpreendente. Um enorme fluxo de paulistas, mineiros, migrantes vindos de outras regiões do país, em especial do nordeste e até mesmo estrangeiros, como os italianos, japoneses e alemães entre outros, vieram se instalar na região. As cidades neste período ampliavam seu papel na oferta do sistema de transporte já que para elas convergiam uma elevada produção agrícola a ser comercializada e transportada aos centros de consumo nacional, regional ou internacional. A última etapa de colonização do norte-paranaense ocorreu após 1945 e refere-se às porções do estado a oeste do Rio Pirapó, no noroeste paranaense. A ocupação também foi dirigida em grande parte pelas companhias de terras e pela ação do Estado e o cultivo do café foi o principal motivo para a rápida ocupação da área.

Foi principalmente na década de 1960 que o circuito superior passou a se expandir e a se consolidar no norte-paranaense, a partir da expansão da cafeicultura e de uma série de atividades voltadas ao atendimento da produção e comercialização desse produto. Paralelamente ao desenvolvimento dessa atividade, o estado diversificava sua produção agrícola e investia em infraestruturas. As frações da burguesia agrária foram os primeiros agentes responsáveis por uma incipiente modernização e industrialização do estado.

A consciência de que as rendas geradas no estado eram enviadas para São Paulo fez com que emergisse internamente ao poder estatal paranaense a busca de alternativas de romper com o empobrecimento relativo que o estado sofria pelo fato de ser eminentemente agrícola. Nesse contexto, formulou-se um projeto paranaense de desenvolvimento que buscava a industrialização via substituição de importações (FRESCA, 2000). Este projeto centrava forças no papel do Estado como promotor do desenvolvimento. Um dos passos mais importantes do governo paranaense foi a criação da CODEPAR – Companhia de Desenvolvimento do Paraná – que deveria dotar o estado de infraestrutura e viabilizar a implantação de indústrias possibilitando

empréstimos a baixas taxas de juros, além de gerar projetos de desenvolvimento específico a partir do conhecimento da realidade local.

O Estado do Paraná entrava em uma etapa de modernização de seu espaço rural, que passava a ser fortemente marcado pela presença da ciência através dos institutos de pesquisa e de profissionais especializados nas novas atividades desenvolvidas no campo e da técnica, sob a forma de materiais plásticos, fertilizantes e máquinas agrícolas, demandando uma série de serviços especializados para atender às necessidades do capital (SANTOS, 2006). Era preciso criar o suporte necessário para a industrialização do estado e diferentes elementos que dinamizariam o circuito superior da produção e do consumo foram criados, como a SANEPAR (Companhia de Saneamento do Paraná) em 1963, a TELEPAR (Companhia de Telecomunicação do Paraná) em 1963, a CELEPAR (Centro Eletrônico de Processamento de Dados) em 1964, a COHAPAR (Companhia de Habitação do Paraná) em 1965 e a COPEL (Companhia Paranaense de Energia) entre outros. Foi também a partir desse período que as principais rodovias do norte do estado tornaram-se pavimentadas, cujo processo foi completado ao longo das décadas seguintes (FRESCA, 2000).

No decorrer da década de 1970, a atuação do Estado se fazia presente no sentido de gerar condições infraestruturais para novas formas de produção e reprodução do capital, sendo um importante agente instaurador do circuito moderno na economia paranaense. Fomentou a pesquisa agropecuária através da criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) em 1975. O que se assistiu, no referido período, foi o encaminhamento de maior integração do estado à economia brasileira através de uma agroindustrialização fortemente articulada às demandas do país e do mercado internacional (FRESCA, 2000). Neste contexto, o Paraná assistiu à implantação dos complexos agroindustriais (CAIs). Essa subordinação da agricultura à indústria provocou a transformação da base produtiva sob a forma de tecnificação e aumento do uso de insumos com impactos diretos na produtividade da terra e do trabalho e como resultado ampliou a produção agrícola de gêneros alimentícios e matérias primas. Houve o aumento no número de cooperativas, a criação do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), visando pesquisas agronômicas, e as Centrais de Abastecimento do Paraná (CEASA), entre outras.

Na década de 1980, em razão da crise que atingiu todo o Brasil, o ritmo de crescimento paranaense diminuiu em relação à década anterior. A expansão da indústria esteve a cabo da implantação e crescimento das agroindústrias cujos setores de maiores expansões foram os de alimentos como o trigo, a soja e o café solúvel, além da pecuária e derivados. Ao findar os anos de 1980 havia três grandes setores industriais consolidados e diversas unidades dispersas pelo norte do Paraná: o setor agroindustrial alimentício e sucro alcooleiro, o setor moveleiro e o setor confeccionista.

Os anos de 1990 marcaram importante momento para a industrialização norte paranaense ligado tanto ao processo de transferência industrial como de busca de estratégias por parte dos setores consolidados para fazerem frente aos problemas oriundos das macro-políticas em nível federal que afetaram diretamente esta produção, com destaque para a instalação da Milênia Agrociências e a Inquima Limitada, ambas especializadas na produção de insumos agrícolas, a primeira implantada em Londrina em 1998 e a segunda em Cambé em 1999. O segmento de fertilizantes e defensivos foi um dos que apresentou maior crescimento na participação no valor adicionado do estado nos anos de 1990, atrás do automobilístico, celulose e papel (FRESCA, 2004a).

Segundo Fresca (2004a), destacou-se ainda na década de 1990 a transferência e expansão das atividades da Dixie Toga em Londrina, oriunda da fusão das empresas Dixie Lalekla (EUA) e da brasileira Toga em 1995, especializada no segmento de embalagens e artefatos plásticos e também a instalação da Atlas Schindler em Londrina, em 1998. A cidade estratégica é para o MERCOSUL e próxima à São Paulo e com acesso fácil e rápido ao Porto de Paranaguá. Destacaram-se ainda outras empresas do ramo metalúrgico, de autopeças e farmacêutico.

Tendo em vista as mudanças na estrutura produtiva norte-paranaense após 1970, ocorreram alterações na dinâmica populacional. Naquele ano ainda predominava a população rural, e a taxa de urbanização para o norte do Paraná era ainda de apenas 29,25% (FRESCA, 2000), tendência que seria crescente para os anos seguintes. A partir da década de 1980, verificou-se que o campo foi aos poucos perdendo população em detrimento dos espaços urbanos e esta população dirigiu-se para as cidades de maior porte do estado (IBGE, 1960 a 2010). Foi paralelamente a este processo de êxodo rural verificado no estado que se assistiu a formação e intensificação do circuito inferior da economia urbana em Londrina.

Analisando a economia paranaense na primeira década do século XXI, Suzuki JR (2010) enfatizou que em 2010 o estado apresentou forte crescimento da produção de grãos com destaque para os cultivos de milho e soja. No que tange ao secundário, a produção industrial avançou a uma taxa de 15,8% em relação ao ano anterior, sendo os setores de veículos automotores, máquinas e equipamentos e alimentos os mais significativos. Os resultados do setor terciário, mais precisamente do comércio varejista, foram satisfatórios mostrando uma progressão de 10,5% em relação ao ano anterior com as maiores altas sendo registradas pelos ramos de artigos farmacêuticos e de perfumaria, jornais e papelaria e, principalmente, materiais de informática e comunicação, e ainda a expansão do segmento de hipermercados e supermercados.

A FORMAÇÃO DA ECONOMIA URBANA MODERNA DE LONDRINA

Londrina teve sua gênese em 1929 no contexto da expansão da frente pioneira baseada na pequena propriedade, de população com origem migrante, para a produção agrícola utilizando predominantemente mão-de-obra familiar. A produção de gêneros alimentícios, matérias primas e outros produtos eram voltados ao mercado consumidor local enquanto o café era destinado ao mercado internacional. Os produtos industrializados eram obtidos a partir de São Paulo e o transporte ferroviário era a principal forma de circulação.

A formação econômico-social do norte paranaense, onde se localiza Londrina (figura 01), foi fundada na pequena propriedade rural e urbana com predomínio de migrantes brasileiros (paulistas e mineiros principalmente) e imigrantes europeus. A cidade rapidamente tornou-se a sede de um grande número de atividades capitalistas, dentre elas as máquinas de beneficiamento da produção agrícola que incluíam os barracões de estocagem da produção local e regional, o comércio que crescia e atendia toda a sua área de influência, atividades terciárias voltadas à negociação da produção, além do sistema bancário que propiciava o crédito.

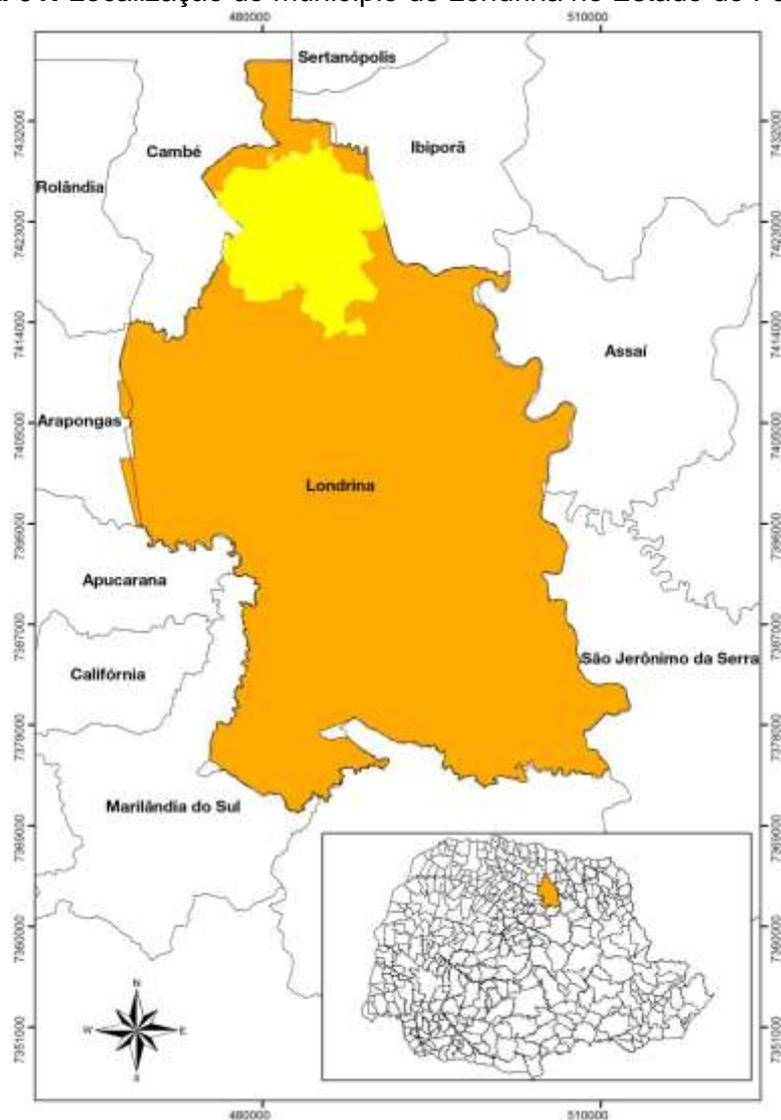
Intensificaram-se as relações entre campo e cidade, pois os pequenos produtores rurais dependiam da cidade para o consumo dos produtos que iriam satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência e também para garantir sua produção. Neste contexto da crescente dependência do campo em relação à cidade foi possível o aumento de demandas em relação ao setor terciário que, em princípio modesto, tornou-se cada vez mais dinâmico, tendo em vista o crescimento da demanda e a ampliação dos produtos e serviços oferecidos. Dessa forma emergia também o circuito superior da economia urbana na cidade de Londrina.

A emergência do circuito superior em Londrina foi possível no decorrer dos anos de 1940 e 1950 a partir da implantação das atividades relacionadas ao beneficiamento do café, o algodão e o arroz. Juntamente com a lavoura cafeeira, dominante no transcurso temporal das décadas de 1940 e 1950, um diversificado comércio de exportação do produto, tanto de capital local quanto internacional, foi implantado na cidade. Para o comércio do café existiam em Londrina grandes empresas que compravam e vendiam o produto, uma das mais importantes foi a *American Coffee Corporation*, companhia exportadora que tinha por sede a cidade de Nova Iorque e agências nos portos cafeeiros do Brasil. A única agência do interior do Brasil estava em Londrina, mostrando a importância da cidade como mercado de café (PRANDINI, 2007).

Os grandes negócios em torno da produção regional assim como o controle sobre boa parte do setor de beneficiamento de produtos agrícolas estavam em Londrina, que se transformou no maior centro de comercialização de produtos agrícolas do Paraná e do norte do estado. Suas

transações comerciais atingiam todo o norte paranaense, ao mesmo tempo em que mantinha relações estreitas com São Paulo, Curitiba, Santos e Paranaguá.

Figura 01: Localização do município de Londrina no Estado do Paraná



Fonte: Polidoro et al (2011). **Org.:** Santos (2012).

Tendo em vista o forte crescimento das transações comerciais que se realizavam em Londrina, diversos bancos se instalaram na cidade. No início dos anos 1950 o norte do Paraná reunia mais de 60% das 157 agências bancárias do estado e Londrina, com 11 agências bancárias, era a cidade com maior concentração desses estabelecimentos, mostrando que a mesma tomava um impulso extraordinário com a alta dos preços do café, pelo controle regional da produção, pelo fato das atividades de beneficiamento e as agências de comercialização do produto, além do transporte ferroviário, estarem concentrados ali. Em 1950 o movimento bancário de Londrina somente era ultrapassado por Curitiba no estado do PR (PRANDINI, 2007).

Essa importante atividade do circuito superior que se intensificava em Londrina favorecia o estreitamento das ligações do norte do Paraná com importantes cidades brasileiras e também com o exterior.

Ainda na década de 1950 um importante ramo do comércio no circuito superior tinha forte presença na cidade. Trata-se do comércio atacadista, um ramo que se encontra ligado aos dois circuitos da economia urbana (SANTOS, 2008) e que possui grande importância por ofertar produtos industriais aos comerciantes locais e regionais. Londrina foi desde a sua gênese um importante centro atacadista, mas foi no decorrer dos anos de 1950 que o setor obteve seu auge. Segundo Fresca (2004b), este ramo estava controlado por filiais de empresas paulistas e paulistanas aí instaladas face às condições favoráveis de transporte. As empresas concentravam-se nos ramos de gêneros alimentícios, ferragens, armarinhos, tecidos, derivados de petróleo etc.

O mercado consumidor deste setor se fazia presente até as imediações da cidade de Maringá, a partir da qual a concorrência era intensa já nos anos de 1950. Contudo, alguns gêneros mais especializados desse comércio estavam mais centralizados em Londrina como a distribuição de cigarros, materiais cirúrgicos e máquinas agrícolas, além de adubos e inseticidas. Aos poucos essa importante função regional que dinamizou a economia urbana de Londrina foi sendo reduzida e várias destas empresas transferiram-se para Maringá, para onde se dirigia a frente pioneira.

Destaque também deve ser dado ao comércio varejista, não só pela quantidade de estabelecimentos, mas pela diversidade de produtos que eram ofertados nos anos de 1950. Além dos fundamentais armazéns de secos e molhados que comercializava enorme variedade de produtos alimentícios, instrumentos para agricultura e roupas, dentre outros, já haviam sido instaladas em Londrina, grandes empresas como era o caso das Casas Pernambucanas, das Casas Fuganti, importante loja de departamentos cujo edifício também abrigava uma luxuosa casa de chá, além de uma variedade de estabelecimentos como relojarias, lojas de tecidos finos e calçados, dentre outros.

A expressividade agrícola proporcionou o aumento da atividade terciária na cidade e a formação de um circuito superior moderno, pois era necessário atender as frações da burguesia local, suprindo os desejos da “alta sociedade” que em Londrina residia. Com isso, as últimas criações da moda lançadas em São Paulo e Rio de Janeiro eram também lançadas na cidade (LINARDI, 1995). A formação do circuito superior e do comércio de luxo na cidade estava ligada à formação de suas diferentes frações de classe, pois esses diferentes grupos elitistas que se radicavam passavam a influenciar a vida política e econômica da cidade.

Em seguida, vieram atividades de serviços como clínicas especializadas, consultórios odontológicos, e administrativos em nível jurídico, escritórios de advocacia, assessoria técnica e

educacional em nível superior etc. Os primeiros jornais eram publicados e a cidade assistia à implantação do rádio e da televisão.

Na década de 1950, Londrina iniciava seu processo de verticalização no centro da cidade a partir da construção de alguns edifícios que se tornaram marcos da modernidade. Essas edificações surgiram com o café, financiadas por fazendeiros para quem se tornou moda e chique morar na cidade. Os lucros obtidos com a cafeicultura e com outras atividades rurais e urbanas eram investidos em terras ou em apartamentos. Era o circuito superior marcando presença por meio da atuação das construtoras locais através da promoção imobiliária, seja como uma forma de reprodução do capital ou como forma de colocar a cidade na modernidade. Outro elemento do circuito superior também implantado na cidade foi o transporte aéreo. Em meados dos anos 1950 o aeroporto se tornava o terceiro do país em pousos e decolagens (INVENTÁRIO, 1995).

A partir dos anos de 1960 a cidade passou por um intenso crescimento físico-territorial impulsionado pela forte migração rural-urbana (tabela 01), intensificou-se a implantação de loteamentos periféricos para absorver a população recém-migrada e ampliou-se a atividade industrial, comercial e prestadora de serviços. A partir daquele momento a cidade foi fortemente afetada pelas transformações gerais que se particularizaram e acabaram por criar inúmeras condições à sua expansão físico-territorial, populacional e econômica.

Tabela 01 – Evolução da População Total, Urbana e Rural de Londrina – 1950 a 2010.

Ano	Pop. Total	Pop. Urbana	%	Pop. Rural	%
1950	66.851	33.707	50%	33.144	50%
1960	134.821	77.382	57,40%	57.439	42,60%
1970	215.576	156.352	72,53%	59.224	27,47%
1980	292.750	257.859	88,08%	34.891	11,92%
1991	381.474	355.347	93,15%	26.127	6,85%
2000	447.065	424.573	94,96%	22.249	4,97%
2010	506.701	493.520	97,39%	13.181	2,60%

Fonte: Censos Demográficos do IBGE 1950 - 2010. **Org.:** Santos (2013).

Houve o início efetivo da atuação da Companhia de Habitação de Londrina (COHAB-LD) em 1965 na produção de habitações populares em todas as direções da cidade, em especial em sua porção norte (BEIDACK, 2009). Houve ainda a expansão dos loteamentos da iniciativa privada, inclusive os de alto padrão e a verticalização (CASARIL, 2008). Foi nos primeiros bairros de luxo dos anos 1960 que apareceram as primeiras residências com características modernistas, a corrente arquitetônica em evidência naquele momento. Na arquitetura estava materializado o poder dos agricultores enriquecidos com a cultura cafeeira (GRASSIOTTO E GRASSIOTTO, 2003). Neste período foi aberta também a Avenida Higienópolis, na porção sudoeste da cidade e

que se configurara como o destino das grandes mansões da elite londrinense. Inspirada no luxuoso bairro paulistano de Higienópolis, a avenida configurou-se como um local socialmente diferenciado e segregado do restante da cidade (TAKEDA, 2004).

Outras transformações urbanas de fundamental importância para o desenvolvimento do circuito superior da economia urbana em Londrina continuaram em curso no decorrer da década de 1960. Em 1964 houve a criação da SERCOMTEL – Serviço de Comunicações Telefônicas de Londrina, implantando a telefonia na área urbana e rural do município. O serviço bancário ampliou-se mediante a instalação de novas agências intensificando o movimento financeiro na cidade. As atividades agropecuárias e o comércio eram os responsáveis por tal dinamismo (BEIDACK, 2009).

Na década de 1970, complexa estrutura do agronegócio da soja, trigo, café e carnes, entre outros, exigiu ainda novos elementos do circuito superior. Houve a expansão das cooperativas e foi neste contexto que ocorreu a expansão da pesquisa e desenvolvimento no ramo do agronegócio, tanto em nível federal quanto estadual, a partir da criação da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias) e do IAPAR (Instituto Agrônômico do Paraná). A EMBRAPA-soja foi instalada em Londrina em 1975 com o objetivo de desenvolver tecnologias para a produção de soja e do girassol no Brasil, articulada com os objetivos do governo federal de modernizar a agricultura nacional e o IAPAR foi criado em 1972, no contexto da expansão da produção da soja no Brasil e no Paraná.

A atuação do Estado através dos investimentos nos institutos de pesquisa favoreceu a agroindustrialização e os avanços e melhorias na produtividade do campo, garantindo o sucesso das cooperativas que eram criadas e se expandiam apoiadas pela infraestrutura de transporte que se modernizava. “A criação de infraestrutura é uma maneira de financiar indiretamente (e às vezes diretamente, em função do nível de corrupção dos planejadores ou dos funcionários) a implantação de indústrias modernas” (SANTOS, 2008, p. 169).

Naquele momento de expansão do agronegócio (década de 1970), a fração da classe burguesa vinculada àquele setor continuava a investir na indústria, no comércio e nos serviços; em especial na produção do espaço urbano. Essa classe passou a ser produtora e consumidora de um circuito moderno e sofisticado emergente na cidade de Londrina.

Nesse contexto da forte valorização do solo urbano, outro importante elemento do circuito superior começava a se consolidar em Londrina na década de 1970, trata-se do *shopping center*, considerado verdadeiro centro do consumo e reino do circuito superior (SANTOS, 2008), com a comercialização de produtos da moda vindos do país e até mesmo do exterior. O Shopping Com-Tour foi um importante marco da arquitetura e do comércio moderno londrinense. Foi o primeiro

shopping center implantado em Londrina e inaugurado em 1973 e um expressivo símbolo da pujança econômica da cidade.

O Estado continuava a atuar fornecendo infraestrutura através da abertura de avenidas como a Via Expressa norte-sul, denominada Avenida Dez de Dezembro com 8,6 quilômetros de extensão, articulando-a com a rodovia BR-369. Segundo Grassioto (2000) era uma prioridade para os problemas viários e integração urbanística de Londrina, que a partir dela pôde abrir espaço para a expansão urbana em sentido sul, sudoeste e norte, desencadeando novos negócios imobiliários.

Inúmeras empresas ligadas à construção civil foram criadas nesse período e se consolidaram ao longo dos anos 1980 dando uma configuração mais ampla ao circuito superior. No controle destas empresas estava presente uma elite rural que geria os negócios do campo a partir da cidade. Foi esta fração da classe burguesa, a burguesia agrária, que impulsionou as diferentes atividades do circuito superior, alimentando empreendimentos como a construção do Com-Tour Shopping Center, a verticalização e o comércio que se sofisticava.

O princípio dos anos de 1980 foi marcado tanto no Brasil como em todo o mundo por uma fase recessiva de desenvolvimento do capitalismo, iniciada em 1973 com a crise do petróleo. Apesar de sofrer os impactos da crise econômica nacional o Paraná continuou tendo na agropecuária e na agroindústria a predominância produtiva e geração de rendas. O crescimento urbano da cidade de Londrina a partir da década de 1980 ganhou novo salto qualitativo e quantitativo. O crescimento demográfico prosseguiu em ritmo elevado como resultado da continuidade do processo migratório imposto pela sequência das transformações agropecuárias, tanto em nível municipal quanto regional.

Londrina reforçava seu papel de polo regional ofertando bens e serviços, em destaque os serviços médico-hospitalares, educacional, sistema de transporte e comunicação. Novos elementos do circuito superior continuavam em expansão como a formação de novas centralidades em Londrina (SILVA, 2005), e a cidade começou a apresentar condições para a efetivação do processo de descentralização e, conseqüentemente, de criação de novas centralidades como o subcentro da Avenida Saul Elkind na zona norte da cidade.

A realização das atividades do circuito superior exigia ação no sentido de garantir a acessibilidade da área central através das obras de renovações urbanas. A atuação das construtoras foi também forte no período e Londrina conheceu uma rápida expansão vertical. Na conjuntura recessiva do período, a construção de edifícios se revelou um grande negócio e a maior parte dos edifícios estava concentrada no centro da cidade, pois essas áreas, valorizadas, dispunham de equipamentos de infraestrutura e serviços que compõem o valor de uso e de troca no meio construído.

No final da década de 1980 e início dos anos de 1990 foram iniciadas as obras de construção do *Shopping Catuaí*, situado na porção sudoeste da cidade. Esse empreendimento teve sua origem com capital local representado pela Construtora Khouri (empresa londrinense) e participação acionária de empresas como Light do Rio de Janeiro, Rhodia e White Martins (GRASSIOTTO, 2000). Sua construção provocou uma enorme valorização para a porção sul da cidade, que se tornou atrativa para a localização de outras atividades comerciais, de serviços e residencial de *status*.

Em seguida, edificou-se em 1995 o terceiro *shopping center* da cidade, o Shopping Royal Plaza, localizado na área central. Este *shopping* garantiu a continuidade da centralidade na área central, não provocando forte revalorização de seu entorno, diferente do que ocorreu com a construção do Shopping Catuaí (GRASSIOTTO e GRASSIOTTO, 2003). Outras mudanças em relação ao comércio e serviços foi a instalação de lojas de comércio sofisticado ao longo da Avenida Higienópolis e hoje nas ruas Belo Horizonte, Santos e Paranaguá (TAKEDA, 2004). É comum nessas áreas a presença de boutiques, principalmente de moda feminina de vestuário e acessórios.

Mereceu destaque também, no decorrer da primeira década do século XXI, a ação do grupo empresarial Super Muffato (rede regional de supermercados com atuação no Paraná e interior de São Paulo) que construiu o Planet Shopping, em área anexa ao hipermercado do grupo implantado em 2001, na porção norte de Londrina (BEIDACK, 2009). Outro *shopping* é o Londrina Norte Shopping, iniciado pelo Grupo Catuaí cujo controle acionário atualmente está nas mãos do Grupo BR Malls, maior empresa integrada de *shopping centers* da América Latina (BRMALLS, 2015). E, nesta segunda década do novo século o destaque foi a construção do Boulevard Londrina Shopping, com investimentos da Sonae Sierra Brasil e o Grupo Marco Zero, administrado pela Raul Fulgêncio Negócios Imobiliários (SONAE, 2012). É a expansão do consumo tendo em vista o aumento da renda e a expansão do crédito; nesse contexto, novos elementos do circuito superior vão se consolidando no espaço urbano londrinense.

Do ponto de vista da expansão de indústrias modernas na cidade, Oliveira (2009) ressaltou a implantação, em 2008, de uma grande empresa indiana voltada para o desenvolvimento de softwares e que mantém relações mais estreitas com os Estados Unidos e com a própria Índia. A verticalidade é uma característica importante do circuito superior desse novo período técnico científico em que os capitais nacionais e internacionais entram em parceria. Outras empresas que aqui se instalaram, já desde os anos de 1990, foram a Dixie Toga (do grupo americano Itap-Bêmis), Atlas Schindler (grupo de capital suíço), a Milênia Agro-Ciências (do grupo israelense MAKHTESHIM CHEM.WOR), Allvet Química, a Lavanderia Clarear e a Hussmann Thermoking (estadunidense). Em 2003 a cidade ganhou a multinacional Ingersoll-Rand, maior fabricante de compressores de ar para uso industrial no mundo.

Os novos elementos da economia urbana, tanto aqueles ligados ao consumo como os ligados à produção, revelam um maior grau de internacionalização do circuito superior em Londrina. O circuito superior que repercute fielmente as transformações na divisão hegemônica do trabalho se torna mais complexo e menos integrado às divisões do trabalho locais (OLIVEIRA, 2009). Como exemplo pode-se citar o caso de empresas londrinenses do ramo da construção civil que passaram a ter atuação nacional e até mesmo internacional, como o caso da Construtora Plaenge, com empreendimentos na América Latina.

O investimento de capitais locais, nacionais e internacionais propiciou o desenvolvimento da economia urbana de Londrina e a formação do seu circuito superior. Os investimentos na produção dos *shoppings centers* promoveram a ampliação do comércio de luxo com a presença de lojas especializadas na comercialização de jóias, relógios, vestuário e acessórios de marca, como a Vivara, Capodarte, Carlos Miele, Le Lis Blanc e Vitor Hugo, entre outras. Ainda como elementos importantes do circuito superior ligado ao consumo de luxo se destacam a presença das concessionárias de veículos como a Audi, a Divesa, revendedora Mercedes e a Euroimport, revendedora BMW, Jaguar, Land Rover e Mini, demonstrando o enorme potencial do mercado consumidor local e regional dessas mercadorias.

Os bens de luxo são aqueles dotados de qualidade superior devido à excepcionalidade de sua matéria prima, de seu processo de fabricação ou da tecnologia empregada; são caros, especialmente frente aqueles que têm utilidade semelhante; são raros, isto é, distribuídos de maneira seletiva e exclusiva; são esteticamente bem elaborados, sendo donos de uma característica particular; são dotados de uma marca famosa, geralmente reconhecida no mundo todo, num país ou região; e são adquiridos por uma clientela especial, devido a uma capacidade de apreciação do produto ou apenas pelo poder aquisitivo elevado (D'ANGELO, 2006).

No período pós-guerra até o final dos anos de 1970 e sob o impulso do gradativo aumento dos rendimentos o consumo de produtos de luxo remetia a sistemas significantes de diferenciação ou de distinção, e era a lógica da distinção social que prevalecia. Após os anos de 1980 o mundo viu crescer um superconsumo individualista em que a marca tornava-se o novo significativo absoluto da identidade prevalecendo sobre o produto. “O produto não era mais que meio de acesso à marca e à sua exibição social”. Nesse período não havia necessidade de marketing das marcas já que a procura era superior à oferta e os consumidores não procuravam mais que uma etiqueta a ser exibida (ROUX, 2005).

Segundo o autor, o consumo ostentatório de marcas dos anos de 1980 foi substituído, nos anos de 1990 e 2000, por um período de não consumismo seletivo em que se buscava a partilha de emoções fortes, da autenticidade e de sentido, adesão a uma ética, ou seja, à sua visão de mundo, e a uma estética além de uma exaltação do universo do sensível. A

necessidade de expressão de si e de aprofundar sua identidade é uma das marcas do consumo de luxo do período atual.

Sobre o circuito do luxo no Brasil, D'Angelo (2006) e Galhanone (2008) ressaltaram que este tem uma história entrecortada por momentos de abertura e fechamento. A segunda metade do século XX foi marcada pelo fechamento das importações, o luxo passou a ser acessível somente para os poucos brasileiros que conseguiam fazer viagens internacionais. Nos anos de 1990, um novo momento de abertura às importações permitiu que o mercado de luxo se tornasse atrativo novamente e o consumidor brasileiro passou a conhecer melhor esse mundo. O auge do mercado do circuito dos produtos de luxo no Brasil ocorreu no final da década de 1990 e início dos anos 2000. Na época, o país acompanhou uma tendência mundial e, ao contrário do início da década de 1990 marcada por uma retração no consumo devido a uma recessão e à Guerra do Golfo, o mercado de luxo mostrou fôlego invejável nas grandes economias mundiais.

Dados do IBGE (tabela 02) mostraram um mercado consumidor forte e de elevados rendimentos na cidade de Londrina, indicando que os produtos e serviços sofisticados oferecidos por ela são facilmente absorvidos pela sua população local. Em 2010 foram 14.959 pessoas com rendimentos superiores a dez salários mínimos, isso sem contar a sua região metropolitana que também se utiliza da moderna economia urbana londrinense.

Tabela 02: Rendimento médio mensal da população economicamente ativa em Londrina – 2010.

Município	Londrina - PR	
	Total	Porcentagem
Classes de rendimento nominal mensal		
Total	440.897	
Até 1/2 salário mínimo	14.994	3,40
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	6.071	1,38
Mais de 1 a 2 salários mínimos	114.203	25,90
Mais de 2 a 5 salários mínimos	84.780	19,23
Mais de 5 a 10 salários mínimos	29.576	6,71
Mais de 10 a 20 salários mínimos	10.417	2,36
Mais de 20 salários mínimos	4.542	1,03
Sem rendimento	116.315	26,38

Obs: O salário mínimo utilizado na amostra foi de R\$510,00. A categoria “Sem rendimento” inclui as pessoas que recebiam somente benefícios.

Fonte: IBGE, (2010). **Org.:** Santos (2012)

Londrina centraliza uma grande área fortemente urbanizada e um conjunto de municípios que dela se utiliza para consumir os bens e serviços de luxo, tendo em vista a carência dos mesmos em seus espaços urbanos. Estas cidades apresentam uma economia local

principalmente vinculada ao agronegócio e ao setor terciário; no entanto, não dispõem de comércio e serviços especializados para atender as frações de classes burguesas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com gênese em 1929, Londrina é uma cidade originada no contexto do avanço das frentes pioneiras no norte do Paraná e assentada na pequena propriedade policultora, baseada na mão de obra migrante e tendo como base a produção de gêneros alimentícios como arroz, feijão, milho, mandioca etc. para o consumo local e a produção de café para o mercado internacional. Na gênese do processo de formação de sua economia urbana a cafeicultura foi uma importante atividade do circuito superior voltada predominantemente ao mercado externo.

As primeiras atividades desenvolvidas e que marcaram a gênese desse circuito foram as atividades de beneficiamento e comercialização dos produtos agrícolas. Além dessas atividades que demandavam uma série de outros serviços, outras atividades relacionadas ao comércio e à prestação de serviços se desenvolviam e se especializavam como o setor bancário, o comércio varejista e atacadista e o setor terciário.

No bojo desse processo o capital oriundo das atividades agrícolas era investido na produção do espaço urbano a partir da atuação das construtoras locais e regionais, na construção horizontal e vertical, na construção dos *shoppings centers* e no desenvolvimento e especialização das atividades ligadas ao agronegócio.

As classes e frações de classe ligadas aos negócios com a terra, com a produção rural e o beneficiamento da produção, constituíram-se nas mesmas que trabalharam na produção do espaço urbano, investindo esses recursos no precoce processo de verticalização que se verificou em Londrina logo na década de 1950, além do investimento também no âmbito do comércio varejista, atacadista e da intermediação bancária, e uma série de atividades voltadas aos serviços nas áreas da comunicação, do lazer, dos serviços médico-hospitalares, ensino e transportes, entre outras.

Entre as décadas de 1940 a 1960, a cidade já apresentava uma economia urbana moderna e dinâmica, possibilitada pelas atividades mercantis e pelas atividades proporcionadas pela agricultura que ampliaram seu papel urbano, fortalecendo sua posição na mediação dos fluxos de mercadorias e informações entre o norte do Paraná e São Paulo e a partir deste com o exterior, através das exportações do café e também através das firmas estrangeiras, ligadas à comercialização deste produto, que se instalavam na cidade. É importante lembrar que no período em tela as infraestruturas de transportes já tinham sido ampliadas pela ação do Estado, que ofereceu suporte necessário à multiplicação e acumulação de capital.

Na década de 1960 a cidade conheceu um gigantesco crescimento urbano em virtude do fluxo migratório que para ela se dirigia, tendo em vista as novas dinâmicas do capitalismo no campo a partir da sua modernização e da introdução de novas culturas temporárias que passaram aos poucos a ocupar o lugar do café. O circuito superior se dinamizava com a atuação das construtoras locais na verticalização e na implantação de loteamentos de luxo na cidade, servindo de local de moradia às diferentes frações da classe burguesa, da nova pequena burguesia e de outras categorias sociais.

Com a especialização crescente de sua economia urbana, o setor primário da economia ganhava novo ímpeto com a agroindustrialização, através da instalação de cooperativas que se dinamizaram apoiadas nas novas tecnologias que eram incorporadas ao campo tendo em vista a sua inserção no meio técnico científico e informacional.

Paralelamente à expansão do agronegócio e da necessidade da diversificação das atividades voltadas ao atendimento das frações da burguesia e da nova pequena burguesia fortemente presente, novos capitais se instalam com mais vigor, redefinindo a dinâmica da economia urbana com os *shopping centers*, templos do consumo e locais de comercialização das mercadorias de luxo. O crescimento do consumo de produtos de luxo em Londrina foi impulsionado pelo grande potencial de seu mercado consumidor. Em uma dinâmica nacional podemos dizer que o crescimento do consumo dos produtos de luxo está relacionado ao crescimento e estabilização da economia, ao conseqüente enriquecimento de parcela da população e às facilidades de crédito.

Na década de 1990 e nas primeiras décadas do século XXI, capitais como o industrial, comercial e financeiro de diferentes origens continuaram a se instalar ainda com mais vigor. Continuou forte a expansão dos *shoppings centers* e a implantação de unidades industriais vindas de São Paulo e de outras regiões do país. Tornou-se também intensa a atuação das construtoras que se consolidaram no período em tela com a forte produção vertical na cidade, em especial na Gleba Palhano, porção oeste da cidade, e na implantação dos condomínios horizontais em sua porção sudoeste, todos impulsionados pela construção do Shopping Catuaí.

Além de dinâmica e sofisticada, Londrina tornou-se também internacionalizada, pois agrega em sua economia urbana atividades vindas do exterior. Neste contexto, apoiado na presença e nas densidades técnicas do novo meio técnico-científico-informacional, seu circuito superior da economia urbana adquiriu verticalidades e horizontalidades consideráveis. As primeiras se revelam principalmente a partir da produção do espaço urbano e da abertura de novos espaços do consumo conduzidos por empresas de capital nacional e internacional em parceria com os capitais locais; enquanto as horizontalidades se multiplicam, na medida em que o

circuito superior se torna mais denso demandando serviços fornecidos localmente, favorecendo a formação de pequenas e médias empresas.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. L. E. **Dinâmica espacial da produção e reprodução da força de trabalho em Londrina**: os conjuntos habitacionais. 1991. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BEIDACK, A. R. S. **Análise da Produção do Espaço urbano de Londrina**: de Cincão à Zona Norte: 1970 – 2007. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR.

BRAGUETO, C. R. **A inserção da microrregião Geográfica de Londrina na Divisão Territorial do Trabalho**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia – FFLCH/USP, São Paulo – SP.

BRMALLS: nossos shoppings. Disponível em: <<http://www.brmalls.com.br/main.asp>> Acesso em 25/06/2015.

CASARIL, C. C. **Meio século de verticalização urbana em Londrina – PR e sua distribuição espacial**: 1950 – 2000. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina – PR.

CATAIA, M. e SILVA, S. C. da. Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade. In: **Boletim Campineiro de Geografia**, v.3, N. 1, p. 55 – 75, 2013.

D'ANGELO, A. C. **Precisar, não precisa**: um olhar sobre o consumo de luxo no Brasil. São Paulo: Lazuli, 2006.

FRESCA, T. M. Industrialização no Norte do Paraná na década de 1990: transferência industrial e estratégias de crescimento. In: **Ciência Geográfica**. X. Vol. X (3), set./dez, p. 195 – 206, Bauru: 2004a.

_____. **A rede urbana do norte do Paraná**. Londrina: EDUEL, 2004b.

_____. **Transformações da rede urbana do Norte do Paraná**: estudo comparativo de três centros. 2000. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia – FFLCH – USP, São Paulo.

GALHANONE, R. F. **Atitudes, emoções e comportamentos de compra**: um estudo com consumidores de produtos de luxo ou sofisticados. 2008. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo - SP.

GRASSIOTTO, M. L. F. **Espaços comerciais**: a arquitetura em dois shoppings centers de Londrina. 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP.

GRASSIOTTO, M. L. F. e GRASSIOTTO, J. de A. A Atividade Comercial e sua Relação com o Urbano: o exemplo de Londrina. **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 24, p. 101-120, set. 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Evolução da População Total, Urbana e Rural de Londrina**. 1950/2010.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População rural e urbana do estado do Paraná**. 1960/2010.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. 2010. Em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/apps/areaponderacao/index.html>> Acesso em 17/08/2015.

INVENTÁRIO e Proteção do Acervo Cultural de Londrina. **Memória e Cotidiano**: cenas do norte do Paraná: escritos que se recompõem / IPAC. Londrina: MEC/SESU, 1995.

LINARDI, M. C. N. **Pioneirismo e Modernidade**: a urbanização de Londrina-PR. 1995. Tese (Doutorado em Geografia). USP, São Paulo.

LONDRINA Norte Shopping. Disponível em: <<http://www.londrinanorteshopping.com.br>>. Acesso em: 10/11/2012.

OLIVEIRA, E. L. **Divisão do trabalho e circuitos da economia urbana em Londrina – PR**. 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica**: o caso paranaense. 2. ed. Curitiba: IPARDES, 2006.

POLIDORO, M. et al. *Sprawl*/urbano em Londrina e os desafios para o planejamento urbano. **Confins** – Revista Franco-brasileira de Geografia, n. 12, s/p, 2011. Disponível em: <<http://confins.revues.org/7205#tocto1n2>>. Acesso em: 15/10/2012.

PRANDINI, N. Aspectos da geografia urbana de Londrina. (Artigo original de 1954). In: FRESCA, T. M. e CARVALHO, M. S. de. **Geografia e Norte do Paraná**: um resgate histórico. Londrina: Humanidades, v. 2, 2007. p. 87 – 114.

ROUX, E. Tempo de luxo, tempo das marcas. In: LIPOVETSKY, G.; ROUX, E. **O Luxo eterno**: da idade do sagrado ao tempo das marcas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 87 – 172.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Espaço e Sociedade**. Ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 09 – 27.

SILVA, W. R. **Descentralização e redefinição da centralidade em Londrina**. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente – SP.

SONAE Sierra Brasil e Grupo Marco Zero iniciam obras do Boulevard Londrina Shopping. Disponível em: <http://www.londrinatur.com.br/noticia.php?id=6562&titulo=Sonae_Sierra_Brasil_e_Grupo_Marco_Zero_iniciam_obras_do_Boulevard_Londrina_Shopping> Acesso em: 17/12/2012.

SUZUKI JÚNIOR, J. T. **Agronegócio paranaense**: movimentos recentes e importância no âmbito nacional. Nota técnica IPARDES, Curitiba, n. 2, p. 1-15, out. 2010.

TAKEDA, M. **As transformações da área central de Londrina**: uma outra centralidade. 2004. Monografia (Bacharelado em Geografia). Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR.

Enviado em 27/05/2014

Aceito em 04/07/2015